

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

LUANA AGUIAR DA SILVA

**FORMAÇÃO DE LEITORES: A IMPORTÂNCIA DE CONTAR  
HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA  
2018

LUANA AGUIAR DA SILVA



**FORMAÇÃO DE LEITORES: A IMPORTÂNCIA DE CONTAR  
HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Mata de São João, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Me. Eliane Bianchi Wojslaw.

MEDIANEIRA

2018



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

Formação de leitores: a importância de contar histórias na  
educação infantil

Por

**Luana Aguiar da Silva**

Esta monografia foi apresentada às...09..... h do dia...30..... **de..junho..... de 2018** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Foz do Iguaçu. Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.....

Prof<sup>a</sup>.Me. Eliane Bianchi Wojslaw  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
(orientadora)

---

Prof Dr. ..Ricardo dos Santos.....  
UTFPR – Câmpus Medianeira

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. .Magela Reny Fonticiella...  
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico esta monografia ao meu esposo e familiares, que compreenderam minha ausência no momento de dedicação e a todos que me auxiliaram de algum modo neste processo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma doaram um pouco de si para que a conclusão deste trabalho se tornasse possível.

A Deus, pelo dom da vida e por que sem Ele nada seria possível.

Aos professores, especialmente à Professora Orientadora Prof<sup>a</sup>. Me. Eliane Bianchi Wojslaw, pela contribuição, dentro de sua área, para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos docentes do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

À minha família, que jamais mediram esforços para auxiliar em todos os momentos de meus estudos.

Ao meu esposo pela ajuda e enorme paciência que teve durante a realização deste trabalho.

"A arte de contar histórias simplesmente é uma arte. (MAURI ALVES DA SILVA)

## RESUMO

SILVA, Luana Aguiar. Formação de leitores: a importância de contar histórias na educação infantil. 2018. 41 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

A contação de histórias possui um papel importante na Educação Infantil, visto que ela desperta a curiosidade e o interesse da criança pelo livro. Por meio dos contos o aluno pode vivenciar diversas experiências, além de facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivos, pesquisar como os docentes trabalham com seus educandos da educação infantil o desenvolvimento da leitura, por meio da prática de contar histórias e como os docentes trabalham para despertar o interesse pelos livros. A realização desse trabalho pautou-se em uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, sendo o estudo classificado como exploratório e os instrumentos de coleta de dados utilizados para atingir os objetivos foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Como resultado, pode-se constatar que a contação de histórias é um momento prazeroso e motivador para o futuro leitor. Diante dos dados levantados pode-se concluir que as narrativas de histórias na educação infantil constituem-se em uma prática indispensável por potencializar o processo de ensino aprendizagem de forma prazerosa e ampliar a visão de mundo do educando.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Literatura infantil. Motivação.

## ABSTRACT

SILVA, Luana Aguiar. Reader training: the importance of storytelling in early childhood education. 2018. 41 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

Storytelling plays an important role in Early Childhood Education, since it raises the child's curiosity and interest in the book. Through the stories the student can experience various experiences, as well as facilitate the teaching and learning process. In this sense, the present work had as objectives, to investigate how teachers work with their children's education students to develop reading, through the practice of storytelling and how teachers work to arouse interest in books. The work was based on a qualitative bibliographical research, being the study classified as exploratory and the instruments of data collection used to ascertain the objectives were bibliographic research and documentary research. As a result, it can be seen that storytelling is a pleasurable and motivating moment for the future reader. Considering the data collected, it can be concluded that narratives of stories in early childhood education constitute an indispensable practice for potentiating the process of teaching learning in a pleasurable way and broadening the worldview of the learner.

**Keywords:** Storytelling. Children's literature. Motivation.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese da pesquisa bibliográfica .....	17
Quadro 2 – Síntese da pesquisa documental .....	18
Quadro 3 – Relação das primeiras obras literárias para o público infantil .....	24

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	14
2.1 PESQUISA QUALITATIVA .....	15
2.2 PESQUISA EXPLORATÓRIA .....	15
2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	16
2.3.1 Pesquisa bibliográfica .....	17
2.3.2 Pesquisa documental.....	17
<b>3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA</b> .....	19
3.1 EDUCAÇÃO INFANTIL .....	19
3.1.1 Diretrizes da Legislação para a Educação Infantil .....	20
3.1.2 Alfabetização e Letramento .....	22
3.1.3 A literatura na educação infantil .....	23
3.2 ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DA LITERATURA .....	26
3.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS .....	27
3.4 O PAPEL DA ESCOLA E DO DOCENTE NO INCENTIVO À LEITURA .....	30
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura é essencial para o ser humano, pois por meio dela é possível aprender, ensinar e conhecer outras culturas. Sua grandiosidade deve ser compreendida como uma atividade que permita a viagem no mundo da imaginação, algo tão presente durante a infância (PAÇO, 2009).

Além de oferecer uma infinidade de conhecimento, a leitura é capaz de oferecer uma riqueza de informações para o intelecto de um indivíduo, pois enquanto a criança absorve as informações contidas em um livro, sua capacidade de compreensão aumenta. Diversos autores atribuem à leitura o objetivo de “transformar” o meio em que se vive, a partir da leitura infantil, pois a mesma passa a servir como agente de formação (COELHO, 2000).

Uma das atividades da educação infantil que mais estimulam o aprender a ler e simultaneamente o gostar de ler é a contação de histórias. O ato de contar histórias nas escolas no passado era considerado como uma maneira de distrair as crianças, enquanto atualmente ressurgiu uma nova figura para o contador de histórias.

De acordo com diversos estudiosos, a contação de histórias pode auxiliar a prática pedagógica dos docentes da educação infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por meio desta atividade a criança desenvolve a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentivando o gosto pela leitura, o que contribui na formação da sua personalidade, além de envolver o lado social e o afetivo (MATEUS et al., 2014).

Segundo Bettelheim (2009), as histórias representam um importante pilar no processo sadio de desenvolvimento humano, pois por meio das narrativas, descrições e valores morais passados, típicos da contação de histórias há o desenvolvimento da capacidade cognitiva nas estruturas mentais das crianças, o que permite criar elementos para a imaginação, estimulando a observação e facilitando a expressão de ideias. Na educação infantil a narração de histórias pode ser um ótimo instrumento de trabalho para o docente, um novo caminho para a aprendizagem da criança e, conseqüentemente, para a formação de um aluno leitor.

Dessa forma, é essencial que se ofereça aos educandos oportunidades de conhecerem histórias antes mesmo do letramento, e que seja de forma

convidativa e prazerosa. Nesse sentido, a literatura infantil desempenha importante papel, pois

favorece aprendizagens, compreensão de valores, confronto com diferentes ideias, culturas, crenças, opiniões e informações diversas (DUTRA; SANTOS; COSTA, 2006).

O papel da escola é o de desenvolver uma prática que traga esses aspectos da literatura, com extrema atenção, para que a criança não se sinta “cobrada” através da literatura, pois o importante é que a criança sinta o gosto pelas histórias. Os docentes que utilizam estratégias de compreensão leitora, conseguirão, na opinião de Silva et al. (2009, p. 27), “transformar a leitura em momentos aprazíveis para as crianças e será uma chave para se conseguir formar leitores que se deixam arrebatados pelo texto”.

O que motiva a realização deste trabalho é a constatação de que os professores geralmente relegam a segundo plano a leitura em sala de aula, cuja relevância formadora já é por todos conhecida. O docente necessita estar motivado e deixar transparecer essa motivação ao aluno, pois ele é a peça fundamental desse processo. O aluno lê pouco porque, uma vez que a leitura não lhe é apresentada como algo fascinante, ele tem sua atenção tomada por outros pontos de interesse que estão ao seu alcance e para os quais encontra maior motivação (BEM, 2009).

A partir de estudos a respeito da motivação da leitura na educação infantil, o presente estudo teve como objetivo geral pesquisar como os docentes costumam trabalhar com seus educandos o desenvolvimento da leitura, por meio da prática de contar histórias. Objetivos específicos portanto, são:

- 1) **Estudar e refletir** sobre os fundamentos teóricos sobre o ensino da leitura na educação infantil;
- 2) **Pesquisar** como os docentes trabalham a contação de histórias em sala de aula da educação infantil;
- 3) **Propor** algumas alternativas didáticas para melhorar a forma de contar uma história.

Esta pesquisa justifica-se, pois, é por meio da leitura que o indivíduo se constrói como sujeito ativo e crítico na sociedade onde está inserido, estabelecendo condições para refletir sobre vários aspectos e formular opiniões. Para que ocorra essa formação de leitores competentes, faz-se necessário um contato com diversas histórias, que podem ser contadas aos futuros leitores. Antes mesmo do educando iniciar a ler ele deve ser incentivado à leitura para que não se torne uma atividade mecânica ou obrigatória.

Dessa forma, é essencial que se ofereça aos educandos, oportunidades de conhecerem histórias antes mesmo do letramento, e que seja de forma convidativa e prazerosa. Nesse sentido, a literatura infantil desempenha importante papel, pois favorece aprendizagens, compreensão de valores, confronto com diferentes ideias, culturas, crenças, opiniões e informações diversas. O papel da escola é o de desenvolver uma prática que traga esses aspectos da literatura, com extrema atenção, para que a criança não se sinta “cobrada” através da literatura, pois o importante é que a criança sinta o gosto pelas histórias. A literatura possibilita que as crianças consigam desenvolver sua criatividade (DUTRA; SANTOS; COSTA, 2006).

O que motiva a realização deste projeto é a constatação de que os professores geralmente relegam a segundo plano a leitura em sala de aula, cuja relevância formadora já é de todos conhecida. O docente precisa estar motivado e deixar transparecer essa motivação ao aluno, pois ele é a peça fundamental desse processo. O aluno lê pouco porque, uma vez que a leitura não lhe é apresentada como algo fascinante, ele tem sua atenção tomada por outros pontos de interesse que estão ao seu alcance e para os quais encontra maior motivação (BEM, 2009).

Portanto, a escolha do tema veio de encontro com as necessidades de realizar contação de histórias para crianças de quatro anos do município de Santa Helena. Para Pinto (apud RUFINO e GOMES, 1999, pg.11) a literatura é essencial para o desenvolvimento de crianças de diversas idades, onde se refletem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo.

Além disso, foram levantadas as seguintes perguntas da pesquisa:

- O docente da educação infantil pode trabalhar com a contação de histórias, despertando na criança a imaginação, a criatividade, a curiosidade e o gosto pela leitura?
- De que forma as histórias, narradas oralmente pelo docente da educação infantil podem contribuir e para a formação do aluno leitor?

Quanto às hipóteses da pesquisa, foram elencadas as três descritas:

- Hipótese 1: A literatura infantil é essencial na formação do pequeno leitor, pois através dela a criança utiliza a imaginação provocada pela curiosidade, com isso amplia o conhecimento do mundo, viaja num mundo de imaginação e fantasia, por isso acredita-se que o professor deva reconstruir e organizar suas práticas, para possibilitar aos seus alunos essa experiência maravilhosa, ajustada às

condições do mundo contemporâneo. Portanto, se o professor do ensino infantil trabalhar com a

contação de histórias, a possibilidade de tomar gosto e hábito pela leitura será incrementada;

- Hipótese 2: A criança deve vivenciar a palavra e a escuta em todas as suas possibilidades, para que seja capaz de explorar diferentes linguagens, apropriando-se do mundo que a cerca, para que este se desvele diante dela e se torne fonte de interesse vivo e permanente, fonte de curiosidade, de espantos de desejos e descobertas, numa dinâmica em que ela se socialize e se manifeste de forma ativa, criativa, participativa em qualquer situação, não apenas “recebendo” passivamente, mas produzindo e (re)produzindo cultura;

- Hipótese 3: Sendo a literatura infantil um dos suportes básicos que permite o desenvolvimento do processo criativo da criança, por oferecer ao leitor uma bagagem de conhecimentos e informações capazes de provocar uma ação criadora, proporcionando também novas experiências e o desenvolvimento de suas fantasias e criatividade, faz-se necessário que o professor goste de Literatura Infantil, que ele se encante com o que lê, pois somente assim poderá transmitir a história com entusiasmo e vibração.



## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Metodologia é uma palavra que deriva do grego, *methodos*, cujo significado remete à organização, e *logos*, estudo sistemático. A metodologia de uma pesquisa é o caminho para que se possa realizar um determinado estudo, são os procedimentos que definem a forma como o estudo se desenvolve, onde pode-se relatar detalhadamente o percurso, ou seja, as ações que foram desenvolvidas durante o trabalho de pesquisa (FONSECA, 2002).

Moreira e Caleffe (2008) afirmam que a metodologia exploratória é aquela que tem finalidade de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias. O seu principal objetivo é proporcionar uma visão geral sobre determinado fenômeno.

A metodologia descritiva é aquela que observa, que registra, que analisa e que relaciona fatos sem que haja interferência do pesquisador. Os dados devem ser coletados e registrados de forma ordenada para seu posterior estudo (RAMPAZZO, 2005).

Para a realização de uma pesquisa, faz-se necessário descobrir o método a ser utilizado para coleta de dados. Essa definição direciona o pesquisador em suas ações durante toda a investigação. O método está diretamente relacionado ao tipo de pesquisa que se desenvolve, sendo que, quando suas técnicas são pensadas com antecedência o pesquisador já considera na teoria como se dará a coleta dos dados, assim como a análise das informações coletadas. Dessa forma, mesmo que hajam significados diferentes, teoria e método são dois termos que coexistem em conjunto em uma pesquisa “devendo ser tratados de maneira integrada e apropriada quando se escolhe um tema, um objeto, ou um problema de investigação” (MINAYO, 2007, p. 44).

A metodologia da presente monografia cujo tema é a importância de contar histórias na educação infantil, está delineada da seguinte forma: quanto à sua natureza constitui-se em uma pesquisa de cunho qualitativo. Quanto aos procedimentos de realização da pesquisa, o estudo é classificado como exploratório e, por fim, os instrumentos de coleta de dados utilizados para averiguação dos objetivos foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental.

## 2.1 PESQUISA QUALITATIVA

Segundo Moreira e Caleffe (2008) a abordagem qualitativa é aquela que explora características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos em forma numérica. Os dados são geralmente de forma verbal e são coletados pela observação, descrição e gravação.

Existem diversas vantagens quando se realiza uma pesquisa qualitativa, como corrobora Lima (2004, p. 30), afirmando que:

- a) a importância do singular assumida na investigação dos fenômenos sociais contribui para o resgate da ideia de o homem ser reconhecido como *o singular universal* no processo investigatório;
- b) a credibilidade das conclusões alcançadas é resultado das multiperspectivas das diferentes fontes consultadas pelo método qualitativo, o que pressupõe um olhar profundo e prolongado da realidade investigada;
- c) o tempo envolvido no processo de investigação somado à intensidade dos contatos estabelecidos entre pesquisador e sujeitos da investigação, são fatores que reduzem significativamente *a fabricação* de comportamentos *“maquiados”*, convenientes, *de fachada*;

Desta forma o objeto de estudo desta monografia foi pesquisar sobre a importância do ato de contar histórias no espaço da educação infantil para a formação do futuro leitor. Sendo assim, relata sobre como o ato de contar histórias na educação infantil favorece a aprendizagem, contribuindo para a formação do futuro leitor, além de analisar como o professor pode inserir a narração de histórias na sala de aula, para que seus alunos desenvolvam o interesse pela leitura. Portanto, buscou-se averiguar se as hipóteses iniciais de pesquisa se confirmavam ou não durante o desenvolvimento do estudo.

## 2.2 PESQUISA EXPLORATÓRIA

Quanto aos procedimentos de pesquisa, esta pesquisa apropriou-se do método exploratório, que objetivou construir maior proximidade com o problema. Segundo Zikmund (2000), os estudos exploratórios tendem a diagnosticar situações, explorar alternativas ou descobrir novas ideias. Nesse tipo de pesquisa procura-se esclarecer

e definir a natureza de um problema, a fim de gerar mais informações para a realização de futuras pesquisas conclusivas. Sendo assim, mesmo quando já existem conhecimentos do pesquisador sobre o assunto, a pesquisa exploratória também é útil, pois, normalmente, para um mesmo fato organizacional, podem surgir diversas explicações alternativas, sendo que sua utilização permitirá ao pesquisador tomar conhecimento, se não de todas, pelo menos de algumas delas.

Portanto, foi discutido como o uso da contação de histórias na fase da alfabetização deve ocorrer no espaço escolar e a importância do planejamento e execução dessa prática para o desenvolvimento do educando, visando a garantia da qualidade na educação.

## 2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Instrumentos de coletas de dados são os meios pelos quais o pesquisador coleta dados disponíveis para adquirir conhecimentos científicos confiáveis para suas análises e aprofundamento da pesquisa (MOREIRA; CALEFFE, 2008). Os instrumentos deste estudo foram a pesquisa bibliográfica e a documental.

Andrade (2009) define ainda que esses instrumentos de coleta de dados são os meios pelos quais se aplicam as técnicas selecionadas, pois se uma pesquisa vai fundamentar a coleta de dados nas entrevistas, torna-se necessário pesquisar o assunto, para depois elaborar o roteiro ou formulário. Dessa forma, entende-se que os instrumentos de uma pesquisa são exclusivos dela, pois atendem às necessidades daquele caso particular. A cada pesquisa realizada procede-se à construção dos instrumentos adequados.

Dessa forma, para o desenvolvimento deste estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica, em material impresso e online, sobre a contação de histórias como recurso que favorece o desenvolvimento da criança. Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento do histórico da educação infantil e os dispositivos legais. Também foram abordados alguns conceitos como alfabetização e letramento, além de discutir a importância do ato de contar histórias para o desenvolvimento físico, afetivo, cognitivo e social da criança.

### 2.3.1 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa é construída a partir de materiais já publicados analisando-os e discutindo-os. Para Boccato (2006, p. 266) a pesquisa bibliográfica tem início na utilização de livros, revistas, periódicos e artigos diversos que permitem que o pesquisador se aproxime do assunto da pesquisa. Para que possa ser realizada é necessário selecionar fontes de pesquisa de vários autores sobre um determinado assunto e fazer a organização destes dados para embasar suas afirmações e hipóteses.

A seguir apresenta-se uma síntese dos principais aportes teóricos e bibliográficos utilizados neste estudo:

Tema/ Aporte teórico	Autores/ ano
Educação infantil	Hermida (2007); Antunes (2004); Soares (2009); Braga (2011).
Contação de histórias	Sisto (2005); Ramos (2011); Busato (2003); Vitor e Korbes (2011); Freire e Guimarães (2007); Coelho (1991); Sarrapio (2016).
Docente utilizando a contação de histórias	Santos (2009); Soares (2003); Albareli et al. (2011); Silva et al. (2009); Venturini (2015); Machado (2008).

Quadro 1 – Síntese da pesquisa bibliográfica

Fonte: autora da pesquisa

Estes foram os principais autores utilizados durante a pesquisa bibliográfica e que puderam servir de base para a realização deste estudo.

### 2.3.2 Pesquisa documental

Pesquisar o que é pesquisa documental e definir (com fonte). Esse tipo de pesquisa se utiliza de documentos oficiais e materiais que não foram tratados, e que não podem ser alterados de acordo com os objetivos da pesquisa. Estes materiais são classificados como fontes de primeira e de segunda mão. Segundo Gil (2008) os documentos de primeira mão são os que não receberam tratamento analítico, como:

documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, etc. Os documentos de segunda mão são os que já foram analisados como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, entre outros. Nesta pesquisa, se investigou documentos e leis para descrever e comparar informações, a exemplo dos seguintes:

<b>Tópico pesquisado</b>	<b>Documento / Ano</b>
Educação infantil	1. Leis de diretrizes Básicas da Educação - LDB (2002); 2. Plano Nacional de Educação – PNE (2001); 3. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998); 4. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (2009); 5. Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996 e 2006). 6. Ministério da Educação - MEC (2003 e 2014);
Contação de histórias	7. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana (2004).
Alfabetização e letramento	8. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa - Ministério da Educação - MEC (2012).
Quadro 2 – Síntese da pesquisa documental	

Fonte: autora da pesquisa

Fica evidente a importância da contação de histórias na educação infantil por ser uma prática assegurada por lei, sendo que esses documentos oficiais auxiliam na compreensão da dimensão de seus benefícios.

### 3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo apresenta um breve histórico sobre a Educação Infantil, destacando a parte legal desta fase do ensino, assim como os conceitos de alfabetização e letramento. Relata ainda a importância da literatura e da contação de histórias na educação infantil, assim como o papel da escola e do docente na escolha da história e métodos utilizados para contar histórias visando garantir a qualidade na educação infantil.

#### 3.1 EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil é a base de todo o processo educativo, sendo assim deve ser proporcionado à criança um local físico e um programa de ensino de qualidade de modo que a infância possa ser vivida em toda sua plenitude, conforme determina a Lei de Diretrizes Básicas da Educação - LDB no artigo 29. O referido artigo da LDB dispõe que a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em todos os aspectos: físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Portanto, é dever do Estado assegurar às crianças de zero e seis anos de idade o atendimento em creche e pré-escola, segundo dispõe o artigo 30 da LDB (BRASIL, 2002). Esse atendimento deve ser planejado para que o brincar não seja separado do aprender e que a escola possa proporcionar um ambiente que estimule as descobertas, possibilitando à criança construir seu próprio conhecimento (ANTUNES, 2004).

As crianças, desde o nascimento estão em constante interação com os adultos, e passam a desenvolver certos comportamentos como resultado desta convivência. Logo, a família se constitui no maior agente socializante, onde as experiências da criança no âmbito familiar, particularmente com a mãe, são de grande importância para determinar seu comportamento em relação aos outros. (HERMIDA, 2007).

Neste sentido, Hermida (2007, p. 85) esclarece que

A partir das interações que estabelece com pessoas próximas, a criança constrói o conhecimento. A família, primeiro espaço de convivência do ser humano, é um ponto de referência fundamental para a criança pequena, onde se aprende e se incorporam valores éticos, onde são vivenciadas experiências carregadas de significados afetivos, representações, juízos e expectativas.

A educação infantil é uma extensão desta educação realizada com a família nuclear, sendo, portanto, essencial à medida que tem o caráter de complementar a educação recebida da família. Caso a criança em casa não tenha acesso a uma aprendizagem "adequada", cabe à escola assumir um lugar onde esta se desenvolva, proporcionando apoio e estímulos indispensáveis a cada fase da vida. Conforme o pensamento de Bujes (2001, p. 21 apud HERMIDA, 2007, p. 227):

[...] a educação infantil precisa ser muito mais qualificada. Ela deve incluir o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto, para o desenvolvimento da sensibilidade; não podendo deixar de lado o desenvolvimento das habilidades sociais, nem o domínio do espaço e do corpo e das modalidades expressivas; deve privilegiar o lugar para a curiosidade e o desafio.

Esta importante etapa da educação básica poderá ser compreendida e desenvolvida de maneira adequada se a criança for vista e educada como sujeito de valores e digna de respeito, compreendendo sua especificidade, autonomia e capacidades cognitivas, físicas e sociais. Nesse sentido, é importante que a escola promova um ambiente motivador de modo que atenda às necessidades das crianças nessa etapa da vida, para que ela cresça e conviva em um ambiente que lhe proporcione o exercício da leitura.

### 3.1.1 Diretrizes da Legislação para a Educação Infantil

O governo federal sancionou em 2006 a Lei nº 11.274 (BRASIL, 2006), que ampliou de oito para nove anos a duração do ensino fundamental no país. Essa lei acabou por consolidar a proposta de expansão do ensino fundamental contida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996) e no Plano Nacional de Educação, Lei nº 10.172 (BRASIL, 2001). Por meio dessa medida o tempo

de escolarização é aumentado, com o objetivo de pensar a cultura pedagógica da alfabetização no ensino fundamental e reverter resultados negativos das avaliações nacionais e regionais da educação básica.

Sobre a concepção de língua, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), demonstra que a oralidade é tratada de forma dividida:

Pesquisas na área de linguagem tendem a reconhecer que o processo de letramento está associado tanto à construção do discurso oral como do discurso escrito. Principalmente nos meios urbanos, onde grande parte das crianças, desde pequenas, está em contato com a linguagem escrita por meio de seus diferentes portadores de texto. (BRASIL, 1998, p. 121)

Por meio dessa afirmação, é possível perceber que o documento reconhece a oralidade como parte integrante do letramento.

A ampliação de suas capacidades de comunicação oral ocorre gradativamente, por meio de um processo de idas e vindas que envolve tanto a participação das crianças nas conversas cotidianas, em situações de escuta e canto de músicas, em brincadeiras etc., como a participação em situações mais formais de uso da linguagem, como aquelas que envolvem a leitura de textos diversos. (BRASIL, 1998, p. 127)

A linguagem é uma das ferramentas mais importantes da vida em sociedade para os seres humanos. A comunicação interpessoal pode começar com um olhar, com os gestos, com os toques acompanhados das sonoridades, que logo se transformam em sons, sentidos e palavras. No sentido de dar resposta aos debates acerca dessa questão, assim se posicionam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI):

É importante lembrar que dentre os bens culturais que crianças têm o direito a ter acesso está a linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e a escrita, instrumentos básicos de expressão de ideias, sentimentos e imaginação. A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado (BRASIL, 2009, p.15).

A capacidade docente ao contar, fazer relatos com detalhes, é algo visto como muito complexo para as crianças, portanto o exercício de contar histórias reais e histórias inventadas deve estar presente ao logo de toda a Educação Infantil. A escola de Educação Infantil, deve ser uma Escola de Encontros, e os encontros e as relações



se fazem nas múltiplas linguagens, sendo a linguagem oral a forma predominante da linguagem verbal da pequena infância (MOSS, 2009).

Também a linguagem escrita é objeto de interesse pelas crianças. Vivendo em um mundo onde a língua escrita está cada vez mais presente, as crianças começam a se interessar pela escrita muito antes que os professores a apresentem formalmente. Contudo, há que se apontar que essa temática não está sendo muitas vezes adequadamente compreendida e trabalhada na Educação Infantil. O que se pode dizer é que o trabalho com a língua escrita com crianças pequenas não pode decididamente ser uma prática mecânica desprovida de sentido e centrada na decodificação do escrito. Sua apropriação pela criança se faz no reconhecimento, compreensão e fruição da linguagem que se usa para escrever, mediada pela professora e pelo professor, fazendo-se presente em atividades prazerosas de contato com diferentes gêneros escritos, como a leitura diária de livros pelo professor, a possibilidade da criança desde cedo manusear livros e revistas e produzir narrativas e “textos”, mesmo sem saber ler e escrever (BRASIL, 2009).

Dessa forma, o currículo prescritivo deve ser modificado para um currículo com identidade narrativa, e de uma aprendizagem de informações somente cognitivas e fragmentadas para uma aprendizagem integrada, sendo um currículo que encaminhem para a compreensão, a elaboração e a criação da vida.

### 3.1.2 Alfabetização e Letramento

Para a aprendizagem da leitura e da escrita são necessárias duas vertentes de trabalho indissociáveis: a alfabetização e o letramento. A alfabetização refere-se à aquisição do código da escrita e da leitura, que pode ser realizada através do domínio da grafia e reconhecimento das letras, utilização do papel, entendimento da direcionalidade da escrita, estabelecimento das relações entre sons e letras, de fonemas e grafemas. O letramento, é complementar, pois faz uso desta tecnologia em práticas sociais de leitura e de escrita. Não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la (SOARES, 2003)

A alfabetização na perspectiva do letramento, ao envolver os gêneros textuais, deve despertar o prazer pela leitura e escrita, mesmo que o aluno ainda não tenha adquirido estas habilidades, sendo o docente o escriba, que corrige os erros dos educandos, instigando os mesmos a desenvolverem suas competências. Além disso, o professor tem a tarefa de ser criterioso nas escolhas dos textos a serem lidos, considerando também o conteúdo que eles oferecem, para que facilitem o

aprendizado da leitura e escrita pois “[...] o trabalho com os textos ocorre de modo articulado ao ensino de gêneros, de forma que refletir, sobre o gênero seja uma estratégia que favoreça a aprendizagem da leitura e da produção de texto”. (BRASIL, 2012, p.9).

Soares (2009) relata que a leitura de histórias para crianças, além de indispensável, é a principal técnica de letramento na educação infantil, pois através da audição das histórias é que os alunos são conduzidos a conhecimentos e habilidades para a inserção no mundo escrito.

Na educação infantil existem diversos momentos para se trabalhar com leitura e escrita das crianças, despertando nelas o gosto pelos livros. O docente deve procurar mediar esse processo, para que através de conversas informais em roda, contação de histórias, momentos lúdicos, possa saber explorar as habilidades de seus educandos pela oralidade e escrita (BRAGA, 2011).

A prática de alfabetização é composta de diversos modos de fazer e pelas teorias que se consolidam a cada época e, seja com o nome de técnicas, de métodos, de metodologia ou de didáticas de alfabetização, cabe aos docentes conhecerem e buscarem os melhores caminhos para realizar a alfabetização de seus educandos (FRADE, 2005).

### 3.1.3 A literatura na educação infantil

Em meados do século XVII, as crianças eram reconhecidas como pequenos adultos, e, portanto, possuíam tarefas e cuidados semelhantes aos de uma pessoa crescida. Assim, nesta época almejava-se que elas possuíssem a mesma cultura literária que os adultos. Apenas com a ascensão da burguesia e reestruturação familiar, a criança começou a ser reconhecida como indivíduo diferente do adulto, portanto com atribuições diferentes. A partir do século XVIII, a literatura infantil passa a tornar-se importante no âmbito escolar e na necessidade de uma mudança na mentalidade sociocognitiva que a criança possuía. Nesse processo, a escola passa a desempenhar um papel importante para que a mudança na literatura ocorresse (MATEUS et al., 2014).

As primeiras produções infantis foram desenvolvidas por docentes e pedagogos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Para Coelho “estudar a

história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la.” (COELHO, 2001, p. 31)

Do vasto número de obras infantis publicadas no século XVIII, poucas permaneceram, porém, o sucesso dos contos de fadas de Perrault, e as adaptações de aventuras de Daniel Defoe e Jonathan Swift, garantiram a regularidade na criação e consumo das obras para crianças. O século XIX inicia-se com o sucesso da coleção de contos de fadas dos Irmãos Grimm (1812), que se tornam sinônimo de literatura para crianças, e a partir deles ficam definidos quais tipos de histórias mais agradavam aos pequenos. No quadro a seguir estão relacionadas algumas dessas obras (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010).

<b>Obra</b>	<b>Autor/ano</b>	<b>Local</b>
Contos	Hans Christian Andersen/ 1833	Dinamarca
As meninas exemplares	Condessa de Ségur/ 1857	Paris
Alice no país das maravilhas	Lewis Carroll/ 1863	Reino Unido
A ilha do tesouro	Robert Louis Stevenson/ (1882)	Reino Unido
Pinóquio	Collodi/ 1883	Itália
Coração	Edmondo de Amicis/ 1886	Itália
Peter Pan	James Barrie/ 1911	Inglaterra

Quadro 3 - Relação das primeiras obras literárias para o público infantil.

Fonte: autora da pesquisa

A literatura infantil brasileira surge como gênero literário em um período de mudanças na estrutura da sociedade, movidas pelo advento da idade moderna, que culminou com o surgimento de uma nova classe social, denominada burguesia, e a estruturação de um mundo capitalista. A partir da Revolução Industrial, ao surgir um novo tipo de sociedade, surge também uma nova família que passa a se preocupar mais com a educação e a formação de suas crianças e jovens (SILVA; SILVA, 2011).

A literatura infantil brasileira nasce no final do século XIX. Antes das últimas décadas dos oitocentos, a circulação de livros infantis era precária e irregular, representada principalmente por edições portuguesas. Estas surgem a partir dos últimos anos do século passado, quando se assiste a um esforço mais

sistemático de produção de obras infantis que, por sua vez, começam a dispor de canais e estratégias mais regulares de circulação junto ao público (ZILBERMAN, 2003, p.15).

Para que haja o primeiro contato com obras literárias, não é necessário que se tenha domínio do código escrito, pois a criança pode interagir de várias formas com a história e interpretá-la a seu modo por meio das suas ilustrações. De acordo com Oliveira (1996, p. 27):

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico; outro, para o psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. A literatura infantil tem uma magia e um encantamento capazes de despertar no leitor todo um potencial criativo. É uma força capaz de transformar a realidade quando trabalhada adequadamente com o educando.

Paulo Freire (1982) afirmou que é a partir da leitura de mundo que o ser humano aprende a ler os demais textos, assim, considera-se que a literatura oral, por expandir a leitura de mundo, é uma eficaz ferramenta para aguçar a curiosidade por outras artes e excitar a imaginação. Diante disso, o ambiente escolar deve proporcionar ambientes onde as vozes possam correr vivas e entrar em cabecinhas ávidas por imaginar. Neste sentido, o autor Machado acrescenta que:

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição – de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o que enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo (MACHADO, 2002, p. 15).

Portanto, começar a ler deve ser uma iniciativa própria de cada um, onde o dever do docente é apenas de indicar os caminhos para que as pessoas despertem seu gosto pela leitura. "(...) entre as aquisições da infância, a riqueza das tradições, recebidas por via oral. Elas precederam os livros, e muitas vezes os substituíram. Em certos casos, elas mesmas foram o conteúdo desses livros" (MEIRELES, 1979, p.42).

Quando se trabalha com formas populares (parlendas, música, contos, etc), os educandos podem vir a reconhecer a cultura de sua própria família, ou ainda, podem perceber que sua gente também tem cultura.

(...) é a Literatura Tradicional a primeira a instalar-se na memória da criança. Ela representa o seu primeiro livro, antes mesmo da alfabetização, e o único, nos grupos sociais carecidos de letras. Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico. (MEIRELES, 1979, p. 66)

Nessa fase, a criança possui interesse em atividades que explorem a ludicidade, como o brincar com o livro, tocá-lo, senti-lo e conhecer suas imagens, sendo essas atitudes essenciais para a formação do futuro leitor, pois por meio dessas atividades, a criança percebe o prazer da descoberta da leitura; e através do ato de brincar com o livro ela adquire também o conhecimento.

### 3.2 ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DA LITERATURA

O pensamento antiquado e obsessivo de que a alfabetização se limita às quatro paredes da sala de aula, aliada à utilização de um método considerado adequado pelos docentes leva-os a crer que possuem total controle da alfabetização de seus alunos. Além disso, ler e escrever, não significa simplesmente emaranhar palavras, e sim, expressar ideias e conceitos. Tornar isso uma forma de linguagem, é fazer o indivíduo ser conhecedor do mundo ao seu redor, podendo este participar de sua construção, a fim de transformá-lo com olhos para algo novo e promissor. (AREND; SILVA, 2008)

Sendo a escrita uma função culturalmente mediada, a criança se desenvolve numa cultura letrada e está exposta aos diferentes usos da linguagem escrita e ao seu formato, possuindo diferentes concepções a respeito desse objetivo cultural ao longo de seu desenvolvimento. A principal condição necessária para que uma criança seja capaz de compreender adequadamente o funcionamento da língua escrita, é que ela descubra que a língua escrita é um sistema de signos, os quais, separados de um contexto não têm significado em si. Os signos precisam estar inseridos em um enunciado comunicativo e representam outras realidades, isto é, o que se escreve, tem uma função instrumental, funcionando como suporte para a memória e a transmissão de ideias e conceitos (BITTENCOURT; FERREIRA, 2002).

Corsino (2010) relata que é preciso reconhecer que o livro infantil não é um mero brinquedo, nem apenas um recurso para entreter um aluno em sala de aula, mas

que as histórias nele veiculadas possuem influência direta no desenvolvimento da formação da personalidade de um indivíduo.

Na educação infantil, o texto literário tem uma função transformadora, pela possibilidade de as crianças viverem a alteridade, experimentarem sentimentos, caminharem em mundos distintos no tempo, no espaço em que vivem, imaginarem, interagirem com uma linguagem que muitas vezes sai do lugar comum, que lhes permite conhecer novos arranjos e ordenações. Além de agenciar o imaginário das crianças, de penetrar no espaço lúdico e de encantar, a literatura é porta de entrada para o mundo letrado. Porta que se abre à face criativa do texto escrito, a arte e sua potência transformadora. (CORSINO, 2010, p.184)

Diversos educadores acreditam que a oralidade é uma importante ferramenta do processo de alfabetização, porém não é apenas isso. Sua função é ainda mais complexa, pois auxilia na formação do desenvolvimento da linguagem no ser humano, que antecede visivelmente o processo de aquisição da leitura e escrita. Por isso, é essencial que no cotidiano escolar a narração oral e a leitura sejam realizadas em alta voz para ganharem espaço e real importância. A criança necessita exercitar a criação de histórias sejam elas ouvidas ou vividas, contar sobre o que viu, refletir, dialogar, discutir, argumentar. Nesse sentido, é função do educador estimular constantemente o exercício contínuo da linguagem. (BUSATTO, 2010)

Na Educação Infantil, quando os educandos ainda não são alfabetizados é necessário que o contato com o mundo das palavras e da escrita seja frequente. O docente deve intercalar seu trabalho com a contação de histórias, pois a criança irá se apropriando de aspectos característicos da cultura oral. A criança ao “ler com os ouvidos” experimenta na interlocução com o discurso escrito organizado e passa a compreender as modulações da voz que se anunciam num texto escrito. (SILVA, 2010, p.36)

### 3.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Há muito tempo as histórias vêm sendo repassadas ao longo das gerações, sendo transmitidas através da oralidade, despertando curiosidade e fantasia dos ouvintes. A transmissão oral de histórias e acontecimentos foi a maneira encontrada para repassar informações, saberes, valores e crenças às gerações mais novas, por comunidades que não possuíam ainda a escrita (RAMOS, 2011).

O conto oral é uma das mais antigas formas de expressão. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando os desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados (PATRINI, 2005, p.118).

Considerada uma excelente estratégia para docentes apresentarem às crianças boas histórias, contos e fábulas, a contação de histórias além de proporcionar o primeiro contato com os livros de forma agradável, é capaz também de distraí-las, levá-las a lugares distantes, onde, através do imaginário e da fantasia, poderão viver situações, experiências e aventuras das mais variadas possíveis. Experiências que podem “recrear, informar, transformar, curar, apaziguar e integrar” (SISTO, 2005, p. 88).

O hábito de ouvir histórias desde a infância pode contribuir para a formação de identidades, pois durante o ato de contar a história, se estabelece uma relação de troca entre contador e ouvinte, interferindo de forma positiva para que toda a bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, levando-os a ser quem são. “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” (BUSATTO, 2003, p. 10).

A palavra narrar vem do verbo latino *narrare*, que significa expor, contar, relatar. E se aproxima do que os gregos antigos clamavam de *épikos* –poema longo que conta uma história e serve para ser recitado. Narrar tem, portanto, essa característica intrínseca: pressupõe o outro. Ser contada ou ser lida: é esse o destino de toda história. E se as coisas estão prenhas da palavra, como preferia Bakhtin (1997), ao narrar falamos de coisas ordinárias e extraordinárias e até repletas de mistérios, que vão sendo reveladas ou remodeladas no ato da escuta ou na suposta solidão da leitura. (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 48).

A contação de histórias infantis é uma ferramenta que não deve ser excluída do cotidiano das crianças, pois a mesma pode contribuir para o seu desenvolvimento pleno. Durante uma narrativa é essencial que o docente vivencie a história, buscando dramatizar e utilizar formas diversas de contar, proporcionando ao educando a aprendizagem (VITOR; KORBES, 2011).

Na Educação Infantil, é fundamental que sejam utilizados diversos recursos pelo contador de histórias para fazer com que as crianças mergulhem no mundo imaginário de forma prazerosa. “Inventar, ler e contar histórias são tarefas importantes

nas creches e pré-escolas. A narrativa para crianças pequenas envolve todas as oportunidades de interação que a criança tem com seu mundo imaginário” (COSTA; MELLO; SILVA, 2006, p. 91).

Geralmente as crianças são irrequietas por natureza, e difíceis de manter a atenção numa mesma atividade por muito tempo, por isso o uso de uma boa técnica narrativa é essencial para evitar longas descrições, quando o educador for trabalhar com literatura. O ideal ao trabalhar com crianças é utilizar primeiro a técnica de contar histórias ao invés de ler. A contação se torna mais agradável ao espírito infantil por predominar o discurso direto, por envolver mais facilmente as crianças, tornando os fatos e as cenas atuais e reais. Cabe ainda ressaltar a importância de mostrar o livro para os educandos após uma contação, ou intercalar momentos em que as histórias são lidas, para que eles percebam de onde vieram as histórias, o que poderá estimular seu interesse para buscar novas histórias e novos livros (REGATIERI, 2008).

De acordo com Coelho (1991) existem diversas definições de fábulas, contos, histórias e estórias, pois mesmo encantando crianças e adultos as abordagens e finalidades podem ser bem diferentes.

Fábulas são definidas por Freire e Guimarães como

Um tipo de narrativa originária desde as mais antigas civilizações. Estes povos, através das histórias que contavam, passavam ensinamentos e preservavam sua cultura. Graças à tradição oral e mais tarde ao texto impresso, a arte de contar histórias foi passada de geração a geração, constituindo até os dias de hoje, importantes fontes de informações para entendermos a história das civilizações (FREIRE; GUIMARÃES, 2007, p. 04).

Os contos possuem características próprias, como definem os autores Freire e Guimarães:

São sempre assumidamente de ficção, ou seja, não pretendem ter acontecido de fato; misturam realidade e fantasia, atualizando e reinterpretando questões universais, tais como a dicotomia entre o bem e o mal, o forte e o fraco, a riqueza e a pobreza, o belo e o feio, entre outras; envolvem algum tipo de magia, metamorfose, encantamento, instrumentos mágicos, vozes do além, viagens extraordinárias e amigos ou inimigos sobrenaturais; o enredo expressa os obstáculos ou provas que precisam ser vencidos, como um verdadeiro ritual iniciático; temporalidade difusa, isso é, o tempo não é definido, é remoto, é o tempo do “Era uma vez...”; os personagens normalmente não possuem nomes; a moral da história corresponde a um conjunto de normas de comportamento destinado a regular as relações entre os indivíduos (FREIRE; GUIMARÃES, 2007, p. 10).



Quanto à definição de histórias, pode-se dizer que “são narrações de acontecimentos ou situações significativas para o conhecimento da evolução dos tempos, culturas, civilizações, nações etc.” (COELHO, 1991, p. 85). Além da exposição de fatos, é o resultado de uma indagação inteligente e crítica dos fenômenos com o objetivo do conhecimento da verdade. Sobre a diferença dos termos história e estória, o autor Moreno (2009) relata que:

Em 1919, João Ribeiro, gramático da Academia Brasileira de Letras, propõe o emprego de estória para diferenciar os contos infantis ou irrealis em contraposição a história, utilizado para designar fatos considerados reais. Em 1943, com a reforma ortográfica, foi eliminada tal distinção gráfica, recomendando-se o uso de “história” em qualquer situação: realidade ou ficção. (MORENO, 2009, p.1).

A palavra estória, portanto, atualmente não é muito utilizada, pois o termo “história” pode servir para descrever tanto narrativas reais quanto narrativas ficcionais. Sendo assim, para distinguir os dois termos é necessária a análise por meio do contexto de sua utilização (SARRAPIO, 2016).

### 3.4 O PAPEL DA ESCOLA E DO DOCENTE NO INCENTIVO À LEITURA

Santos et al (2009) afirmam que um bom leitor forma-se lendo, lendo muito e para que essa leitura se concretize ele terá que gostar muito do que lê. Este é um dos maiores desafios para a escola, que pode incentivar a leitura de crianças e jovens através de algum projeto, baseando-se nos reais interesses dos alunos.

Para Soares (2003), este desafio pode ocorrer por meio da imitação, onde o docente desafia os alunos a lerem livros que outros colegas já conseguiram ler e fazer uma espécie de concurso para ver quem é que na turma consegue ler mais livros durante um determinado tempo.

Durante o processo da educação infantil o papel do professor no incentivo à leitura é de suma importância, pois o mesmo é quem cria os espaços, disponibiliza materiais, participa das brincadeiras, ou seja, faz a mediação da construção do conhecimento (ALBARELI; et al., 2011).

Porém, essa interação com a Literatura Infantil não pode de forma alguma estar ligada a situações de obrigatoriedade, portanto há de se evitar expressões como

“Você precisa ler este livro!” ou “Se não se comportar bem vou te mandar para a biblioteca ler um livro!”. Para conseguir promover nas crianças e jovens o prazer de ler, é preciso levar em conta diversos aspectos, como por exemplo: não obrigar a ler; proporcionar uma escolha variada de livros, para que possam escolher o que mais lhes agrada; apresentar-lhes livros que se dirijam ao imaginário; não os obrigar a falar sobre o que leram; não censurar as opções de escolha dos mesmos (POSLANIEC, 2006).

A criança aguça sua imaginação quando presencia a leitura de obras infantis ou a contação de histórias. Sendo assim, os docentes precisam fazer com que a criança se interesse por essa importante prática social. Para que isso ocorra, devem se valer de estratégias diversificadas, pois sabe-se que a criança aprende com maior facilidade e vontade quando inserida no lúdico. Silva (2009, p. 34) enfatiza que “[...] quando pensamos na literatura infantil no espaço escolar, pensamos no coletivo, na leitura partilhada, pensamos no professor como leitor que forma leitores”.

Os docentes que utilizam estratégias de compreensão leitora, conseguirão, na opinião de Silva et al. (2009, p. 27), “transformar a leitura em momentos aprazíveis para as crianças e será uma chave para se conseguir formar leitores que se deixam arrebatados pelo texto”.

Dessa forma, para que o uso do lúdico seja, de fato, uma estratégia didática e que possa auxiliar na construção do conhecimento e no desenvolvimento global da criança, é necessário planejar as situações, visando obter aprendizagem, conhecimento e atitude. Estas situações devem ter uma intencionalidade educativa, sendo planejadas pelo professor a fim de alcançar objetivos predeterminados. A escola deve se preocupar com a aprendizagem, mas o prazer também é importante, cabendo ao professor a imensa responsabilidade de aliar as duas coisas (ALBARELI; et. al, 2011).

Além disso, outra responsabilidade do docente é o de refletir sobre a utilização da contação de histórias na Educação Infantil e sua função no processo de socialização das crianças. O conto de fadas já vem sendo utilizado há algum tempo como um recurso de interação, sendo que pode ser realizada a inclusão de novos referenciais, baseados nas diferentes culturas (VENTURINI, 2015).

O professor, ao contar história e discutir com os alunos, está promovendo sua socialização e desenvolvendo seu senso de moralidade, sem entregar para [criança] prontos, conceitos e saberes que ela precisa construir. O objetivo não é transmitir o valor "ou", encontrar a resposta certa, mas ensinar a criança a pensar. Só assim ela será socializada (SILVA, 2011, p. 34).

É importante trabalhar durante a contação de histórias a cultura afro-brasileira e africana e indígena, desde a Educação Infantil, como princípio educativo. Dessa forma o docente poderá contribuir para o processo de formação de cidadãos e cidadãs conhecedores do legado sócio-histórico, político e cultural dos diferentes povos no País (VENTURINI, 2015).

De acordo com o Plano Nacional de Implementação da Lei nº 10.639/2003,

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais os quais a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam, valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras (BRASIL. MEC, 2003).

É importante salientar que ao se falar em educação infantil brasileira, deve-se levar em conta a Lei nº 10.639/2003, quanto os demais documentos, além de promover o devido reconhecimento dessa parcela da população para o desenvolvimento nacional, (BRASIL, 2003) que também têm entre suas metas garantir:

O direito dos negros, assim como de todos os cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino de diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais entre eles descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade para todos, assim como é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos (BRASIL, 2004, p.11).

Por isso ressalta-se o importante papel do docente que trabalha na educação infantil, pois cabe ao mesmo a realização de práticas pedagógicas que objetivem ampliar o universo sociocultural das crianças e introduzi-las em um contexto no qual

o educar e o cuidar não omitam a diversidade. Para dar início à leitura, é necessário que se faça uma cuidadosa seleção dos livros de histórias que serão utilizados com as crianças, além de uma boa preparação para conduzir uma leitura gostosa, agradável e que prenda a atenção dos pequenos ouvintes. Outro ponto a ser pensado é quanto à organização do espaço físico e do ambiente para caso a instituição tenha crianças com deficiência, o ambiente deverá ser pensado para elas também (BRASIL, 2014.)

Existem diversas sugestões de livros de fábulas, contos e histórias africanas para crianças, como “Contos do baobá”, adaptação e ilustração de Maté, que trazem quatro narrativas da África Ocidental. Outro livro recomendado e disponível para acesso na internet é “Boneca de pano”, que é uma coletânea de contos infantis, organizada por Adriana Botelho de Vasconcelos, Neusa Dias e Tomé Bernardo, escritores angolanos que reuniram contos tradicionais deste país, publicados pela União de Escritores Angolanos (UEA) (BRASIL, 2014).

Histórias clássicas como *O Patinho Feio*, *A Bela e a Fera*, *O Pequeno Polegar*, entre outros, que fizeram parte de uma época em que o diferente era discriminado e muitas vezes isolado. Na obra *O Patinho Feio*, por exemplo, ao sair de casa e procurar seus iguais, quer ser aceito, entretanto sabe que só poderá ser aceito caso conviva com outros iguais a ele. Essa noção de exclusão, de não aceitação do diferente, do racismo, do dualismo, que coloca o bom em oposição ao mau, eram veiculadas pela literatura e por outros textos como uma prática comum para o período (MACHADO, 2008). Dessa forma, textos que incluam mensagens assim devem ser evitados ou discutidos em aula com criticidade.

Os autores de literatura infantil da atualidade demonstram uma preocupação em trazer para os jovens leitores uma reflexão referente à diferença, onde isso é realizado de modo a envolver a criança, através do uso de um discurso leve, casual e de situações do cotidiano que ensinam. Essa é a grande vantagem da literatura: levar à reflexão, trabalhando com o lúdico e com a palavra em sua forma mais bela. Dessa forma a literatura cumpre o papel de veiculação de conhecimento e valores, justamente por fazê-lo de maneira despretensiosa e prazerosa (MACHADO, 2008).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento bibliográfico realizado a respeito da motivação da leitura na Educação Infantil, o presente trabalho alcançou o objetivo geral proposto inicialmente, pois pesquisou em diferentes fontes como os docentes trabalham com seus educandos o desenvolvimento da leitura, por meio da prática de contar histórias.

Além disso os objetivos específicos também foram atingidos, pois foram realizados estudos e reflexões acerca dos fundamentos teóricos sobre o ensino da leitura na educação infantil; foram pesquisadas diversas fontes para averiguar como os docentes trabalham a contação de histórias em sala de aula da educação infantil, além de serem propostas algumas alternativas didáticas para promover a melhoria na forma de contar uma história.

As hipóteses levantadas inicialmente foram respondidas, sendo que verificou-se a literatura infantil como essencial na formação dos novos leitores, sendo o docente a peça fundamental desse processo que possibilita essa vivência; também constatou-se a importância da vivenciar a palavra e a escuta em todas as suas possibilidades; além de ser possível afirmar que a literatura infantil, se bem trabalhada, pode ser considerada um dos suportes básicos que permite o desenvolvimento do processo criativo da criança.

O desenvolvimento infantil é um processo que faz parte da evolução da própria criança a partir das interações que a mesma vivencia, sendo que a literatura infantil, em especial, a contação de histórias é uma atividade interativa que pode contribuir para este desenvolvimento, para que os pequenos leitores se tornem leitores mais competentes. Acredita-se que é necessário que a prática da contação de histórias ocorra desde a mais tenra idade, e deva ser incentivada no âmbito escolar para proporcionar o desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo.

Dessa forma, a partir da realização deste trabalho, entende-se que as histórias contadas podem estimular a criança a se interessar pelos livros, desde que no momento da contação, o contador crie uma conexão entre o texto e o ouvinte, utilizando seu recurso vocal, nas pausas, no jogo de ritmo, na interação entre o contador de histórias e o ouvinte, na sensação que a história contada pode exercer sobre quem ouve, enfim, todos esses elementos poderão provocar na criança o interesse em ler.

Ressalta-se a necessidade que a educação escolar possa desenvolver nos educandos, mesmo ainda não alfabetizados, o gosto pela leitura, por meio da criação de uma intimidade da criança com o livro.

Por meio da história é possível facilitar o contato das crianças com a escrita, o conhecimento de novas palavras, a discutirem valores como o amor, família, moral e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolver a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, que favoreçam a construção da identidade do educando.

Sendo assim, destaca-se o papel do principal agente capaz de proporcionar momentos em que as crianças sintam prazer ao estar em contato com a literatura: o docente. É ele quem deve planejar, organizar, construir e se necessário reconstruir suas práticas. Ele é o responsável pela mediação entre a criança e a literatura e fará com que o interesse da leitura seja despertado no aluno, para que o mesmo faça uso da leitura espontaneamente e criticamente. Espera-se o surgimento do interesse nos professores de contar cada vez mais histórias em sala de aula devido à grande contribuição das mesmas no ensino.

Acredita-se que por meio da utilização do método de contação de histórias de literatura na educação infantil, possa haver maior interação de sentimentos, emoções e aprendizagem, necessitando de uma ação sistematizada e planejada, para promover o desenvolvimento integral da criança, tornando o indivíduo crítico, criativo, consciente e produtivo.

## REFERÊNCIAS

- ALBARELI, A. C. et al. O lúdico, a criança e o educador. **EF Deportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, v. 16, n. 163, 2011.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 9.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ANTUNES, C. **Educação infantil**: prioridade imprescindível. Petrópolis: Vozes, 2004.
- AREND, C. S.; SILVA, V. **Lúdico no processo de alfabetização**: proposição de estratégias em uma turma de 1º ano. Educere: PUC Paraná, 2008.
- BEM, D. M. **Dificuldades de leitura**: professor e aluno no ensino fundamental. (Monografia) Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Curso de Pós Graduação em Língua e Literatura. Criciúma, 2009.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.
- BITTENCOURT, G. R.; FERREIRA, M. D. M. **A importância do lúdico na alfabetização**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade da Amazônia: Belém, 2002.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ.** Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BRAGA, A. C. S. **Práticas de letramento na educação infantil**. Monografia. Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, DF, 2011.
- BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: SECAD, 2004.
- BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei de diretrizes e bases da educação**: (Lei 9.394/96). Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL. Lei nº 11.274, 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos Educ. Pesqui., São Paulo, v. 39, n. 4, p. 927-942, out./dez. 2013. 941 para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 fev. 2006.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2001.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de novembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB n. 20, de 11 de novembro de 2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. -- Brasília : MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

BRASIL. Parecer CEB no 4/98. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 mar. 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo no ciclo de alfabetização: Consolidação e monitoramento do processo de ensino aprendizagem: ano 2: unidade 1** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, diretoria de Apoio à gestão educacional. – Brasília: MEC, SEB. 2012

BUSATTO, C. **Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BUSATTO, C. **Práticas de oralidade na sala de aula**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

COELHO, B. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001.



COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, N. N. **O conto de fadas símbolos mitos e arquétipos**. 2º edição. São Paulo, Ática. 1991.

CORSINO, P. **Literatura na educação infantil**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

COSTA, E. A. A.; MELLO, A. M.; SILVA, L. Os contos que as caixas contam: entender o mundo acontecer através de uma caixa de história. In: CHAGURI, A. C.; FERREIRA- ROSSERTTI, M. C.; GOUSEN, A. (Org.). **Os fazeres na Educação Infantil**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DUTRA, C. R.; SANTOS, C. M.; COSTA, F. T. **Leitura, escola e professor: uma reflexão sobre a formação do aluno leitor**. Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação – CCE/FAED. Curso de Pedagogia. Florianópolis, 2006.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

FRADE, I. C. A. S. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

FREIRE, A. M. E.; GUIMARÃES, Z. M. **Contos** (clássicos/mitológicos/modernos) EDUCAÇÃO INFANTIL / Ciclos de Aprendizagem I e II / EJA. Salvador, 2007.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERMIDA, J. F. (org.) **Educação infantil: políticas e fundamentos**. 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.

JORGE, L. S. “Roda de histórias: a criança e o prazer de ler, ouvir e contar histórias”. In: DIAS, M. C. M. M.; NICOLAU, M. L. M. (Orgs). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. São Paulo: Ática, 2010.

LIMA, M. C. **Monografia**: a engenharia da produção acadêmica. São Paulo: Saraiva, 2004.

MACHADO, A. M.. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, C. Literatura infantil e o discurso da diversidade: caminhos para a inclusão. **Revista Educação em Foco**. v.13, n.1, Juiz de Fora, UFJF, 2008.

MATEUS, A. N. B. et al. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em Ação**, v. 5, n. 1, out. 2014.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MORENO, C. **A triste história de ESTÓRIA**. Sua língua, 6 maio 2009. Disponível em:  
<http://sualingua.com.br/2009/05/06/a-triste-historia-de-estoria/> Acesso em: 26 mar. 2018.

MOSS, P. Introduzindo a política na creche: a educação infantil como prática democrática. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 417-436, jul.-set. 2009.

OLIVEIRA, M. A. de. **Leitura prazer**: interação participativa da criança com a literatura infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 1996.

PAÇO, G. M. A. **O encanto da literatura infantil no CEMEI Carmem Montes Paixão**. (Trabalho de conclusão de curso) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Decanato de pesquisa e Pós Graduação. Mesquita, 2009.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

POSLANIEC, C. **Incentivo ao prazer de ler**: atividades de leitura para jovens. Porto: Edições Asa, 2006.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer histórias**: revelações, subversões e superações. Campinas: Alínea, 2007.

RAMOS, Ana Claudia. **Contação de histórias**: um caminho para a formação de leitores? Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

REGATIERI, L. P. R. Didatismo na contação de histórias. **EM EXTENSÃO**, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 30 - 40, 2008.

RUFINO, C.; GOMES, W. A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança na fase da pré-escola. São José dos Campos: Univap, 1999.

SANTOS, F. et al. **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global Editora, 2009.

SARRAPIO, F. P. História e estória na narrativa de Guimarães Rosa. **Revista de Linguagem, Cultura e Discurso**. v. 7, n. 2, 2016.

SILVA, L. C. L.; SILVA, K. G. O negro na literatura infanto-juvenil brasileira. **Revista Thema**. v. 8, Número Especial, 2011.

SILVA, M. C. **Experiências de leitura no contexto escolar**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

SILVA, N. N. **Diversidade cultural como princípio educativo**. Belo Horizonte,

2011. SILVA, V. M. T. **Literatura Infantil brasileira: um guia para**

**professores e promotores de leitura**. 2. ed. Goiânia: Cênone Editora, 2009.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2005.

SOARES, M. Alfabetização e letramento na educação infantil. **Revista Pátio Educação Infantil** - Ano VII , n. 20 - Oralidade, alfabetização e letramento - Jul/Out, ArtMed, 2009.

SOARES, M. A reinvenção da alfabetização. Belo Horizonte: **Revista Presença Pedagógica**, v. 9, n. 52, 2003.

SOARES, M. **Como motivar para a leitura**. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

VENTURINI, A. **As relações étnico-raciais na educação infantil**. I Seminário Políticas Públicas e Ações Afirmativas. Universidade Federal de Santa Maria. 2015.

VITOR, E. C.; KORBES, L. M. A contação de histórias na educação infantil. **Revista Eventos Pedagógicos**. v. 2, n. 1 (2. ed. rev. e aum.), p. 92-100, jan./jul. 2011.

ZIKMUND, W. G. **Business research methods**. 5. ed. Fort Worth, TX: Dryden, 2000.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.